

CARLOS PAREDES E A GUITARRA PORTUGUESA INVENÇÕES DA NOSSA TERRA

CARLOS PAREDES AND THE PORTUGUESE GUITAR INVENTIONS OF OUR LAND

António José Pacheco Ribeiro

ORCID 0000-0003-3413-8473

Instituto da Educação da Universidade do Minho

Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC)

Braga, Portugal

antoniopacheco@ie.uminho.pt

Resumo. Este artigo centra-se na figura e na obra musical de Carlos Paredes e estabelece uma breve viagem em torno da sua vida. Símbolo inquestionável da guitarra portuguesa, compositor de raros recursos criativos, partindo dos elementos identitários tradicionais e do fado de Coimbra, perspetivou novos horizontes e atmosferas sonoras tão únicas e distintas, tão coletivas e, verdadeiramente, tão nossas. Cúmplice da liberdade, Carlos Paredes, parte do seu contexto e das suas vivências para uma composição tão genuína e enraizada na terra em constante movimento perpétuo vinculada aos verdes anos. A sua importância reserva-lhe um lugar de destaque na história da música popular em Portugal e o seu legado transcende fronteiras e arrasta movimentos sonoros característicos e expressivos em jeito de saudade. A obra de Carlos Paredes é universal, constitui um marco referencial na tradição musical portuguesa, fazendo parte da memória coletiva do povo e da sua identidade, enquanto património cultural. O seu trabalho, indissociável da guitarra, do músico e da música, reinventou uma linguagem musical particular que o popularizou sem vaidade e inscreveu a guitarra portuguesa nos quatro cantos do mundo.

Palavras-chave: Carlos Paredes; guitarra portuguesa; tradição popular; fado.

Abstract. This article focuses on the figure and musical work of Carlos Paredes and takes a brief journey through his life. An unquestionable symbol of the Portuguese guitar, a composer with rare creative resources, he started from traditional identity elements and from Coimbra's fado, and he foresaw new horizons and sound atmospheres that were so unique and distinct, so collective and, truly, so ours. An accomplice of freedom, Carlos Paredes draws on his context and his experiences for a composition that is so genuine and rooted in the land in constant perpetual movement linked to the green years. His importance reserves him a prominent place in the history of popular music in Portugal and his legacy transcends borders and carries characteristic and expressive sound movements in the form of nostalgia. Carlos Paredes' work is universal, a landmark in the Portuguese musical tradition and part of the collective memory of the people and their identity as cultural heritage. His work, inseparable from the guitar, the musician and the music, reinvented a particular musical language that popularised him without vanity and inscribed the Portuguese guitar in the four corners of the world.

Keywords: Carlos Paredes; portuguese guitar; popular tradition; fado.

1. INTRODUÇÃO

A vida e obra de Carlos Paredes é o objeto central deste trabalho: sua linguagem musical única e identitária, com base nas tradições, confere-lhe um lugar no seio dos distintos e criativos do mundo da música popular. Este artigo tem por objetivo promover uma reflexão em torno da figura de Carlos Paredes e seu papel no âmbito da música portuguesa. Metodologicamente, centra-se na revisão narrativa da literatura e recorre a diversas fontes bibliográficas, como teses de mestrado, artigos, livros, jornais e páginas web. Estrutura-se nos seguintes tópicos: (i) Introdução; (ii) Traços Biográficos; (iii) O Percorso Musical; (iv) A Música e a Tradição; (v) A Guitarra Portuguesa e o Ensino de Música; e (vi) Considerações Finais.

2. TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Carlos Paredes nasceu a 16 de fevereiro de 1925, na cidade de Coimbra. Descendente de uma família com largas tradições musicais, concretamente, na guitarra portuguesa, seu pai Artur Paredes, seu avô Gonçalo Paredes, seu bisavô António Paredes e seu tio avô Manuel

Paredes foram guitarristas conceituados que contribuíram, cada um à sua maneira, para o desenvolvimento e identidade da guitarra. Artur Paredes foi um grande mestre da guitarra e Carlos Paredes iniciou a aprendizagem da guitarra portuguesa, precisamente, com o seu pai aos 4 anos de idade, embora sua mãe preferisse que tivesse aulas de piano. A sua mãe possuía também algum conhecimento musical, nomeadamente ao nível da guitarra, era licenciada em Histórico-filosóficas e lecionou num colégio particular da qual foi diretora. A família Paredes estabeleceu-se em Lisboa em 1934 e Carlos Paredes frequenta a instrução primária e o Liceu Passos Manuel, começando a ter aulas de violino na Academia de Amadores de Música, no entanto viria a abandonar estes instrumentos e centrar-se exclusivamente na guitarra portuguesa (Morgado, 2022).

Em 1949, Carlos Paredes inicia uma colaboração num programa de seu pai na Emissora Nacional e tem aulas de canto na Juventude Musical Portuguesa. O seu ingresso na função pública, como funcionário administrativo do Hospital de São José, acontece neste mesmo ano. A sua posição política, claramente oposta ao regime ditatorial salazarista, haveria de o levar à prisão, em 1958, pela intervenção da PIDE. Acusado de ser militante do partido comunista português seria libertado em finais de 1959, ano em que foi expulso da função pública (Pinto, 2025).

Carlos Paredes faleceu a 23 de julho de 2004 em Lisboa. Em 2025, comemora-se o centenário do nascimento de Carlos Paredes, neste sentido foi constituído, em 2024, um Grupo de Trabalho, promovido pelo Gabinete do Ministro de Estado e das Finanças e Gabinete da Ministra da Cultura, com a intenção de preparar as comemorações dos 100 anos do nascimento de Carlos Paredes, considerando que:

Carlos Paredes é um dos mais importantes e influentes artistas do século xx, um génio e poeta da guitarra portuguesa, que se destacou, tanto pela sua mestria técnica, como pelo seu talento como compositor, criando um repertório original que levou ao mais alto nível as possibilidades expressivas da guitarra portuguesa e que contribuiu para a popularização deste instrumento junto de vastas audiências (Despacho n.º 8151/2024, de 23 de julho, alínea b), p. 1).

A vida musical de Carlos Paredes foi intensa e os concertos multiplicaram-se um pouco por todo o mundo a solo e também com diversos artistas. No processo performativo, Carlos Paredes teve sempre a seu lado duas figuras que o acompanharam à viola, nomeadamente Fernando Alvim e Luísa Amaro.

2.1 Música para cinema

A sua relação com o cinema iniciou-se em 1960 na curta metragem *Rendas de Metais Preciosos*, realizada por Cândido Costa Pinto e em 1962, a convite do realizador Paulo Rocha, compõe a banda sonora do filme que haveria de o colocar na história: *Verdes Anos* (Pinto, 2025). O seu trabalho para cinema compreendeu ainda a música para os seguintes filmes: *Mudar de Vida* (1966), do cineasta Paulo Rocha, *Fado Corrido* (1964), do realizador Jorge Brum do Canto e, no âmbito das curtas metragens, registam-se as participações em: *P.X.O* (1962), de Pierre Kast e Jacques Valcroze, *Crónica do Esforço Perdido* (1966), de António Macedo, *A Cidade* (1968) e *The Columbus Route* (1969), de José Fonseca e Costa, *Tráfego e Estiva* (1968), de Manuel Guimarães, *Hello Jim!* (1970), de Augusto Cabrita, *As Pinturas do Meu Irmão Júlio* (1965), de Manoel de Oliveira, para além de outros trabalhos (Museu do Fado, 2000; Brandão, 2017).

2.2 Música para teatro e colaborações com outros artistas



Carlos Paredes também escreveu música para teatro e, neste particular, consideram-se as colaborações com José Cardoso Pires para o Teatro Moderno de Lisboa (1964), nas *Bodas de Sangue*, do CITAC, em *A Casa de Bernarda Alba*, de Garcia Lorca, Teatro Experimental de Cascais, e com o Grupo de Teatro de Campolide: *O Avançado Centro Morreu ao Amanhecer*, de Agustin Cuzzani, e outros trabalhos como responsável pela seleção musical entre 1971-1997 (Júnior, 2025). No bailado, Carlos Paredes musicou *Danças para Uma Guitarra* (1982), de Vasco Wallenkamp (Madureira, 2024).

A sua participação e colaboração com outros artistas, de estéticas musicais diferenciadas, revelou-se um outro lado do guitarrista. Neste âmbito, destacam-se trabalhos com: Adriano Correia de Oliveira (*Que Nunca Mais*, de 1975), Carlos do Carmo (*Um Homem no País*, de 1983), Cecília Melo (*Meu País – Canções*, de 1970), Manuel Alegre (*É preciso um País*, de 1975), António Vitorino d’Almeida (*Invenções Livres*, de 1986) e com Charlie Haden no disco *Dialogues*, de 1990 (Santos, 2021).

Ao longo da sua vida, Carlos Paredes foi agraciado com prémios de reconhecimento, nomeadamente: Prémio da Casa da Imprensa, como solista em 1961; Prémio da Casa da Imprensa, para Música Ligeira e Prémio Consagração de Carreira, 1981; Troféu Nova Gente, Troféu Prestígio do Jornal Sete e Prémio Bordalo da Casa da Imprensa em 1984; Prémio Antena Um, 1987 e 1988 (Museu do Fado, 2000); a 10 de junho de 1992 foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem de Sant’Iago da Espada (Santos, 2021); a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, em 2003, prestou-lhe uma homenagem com a criação do Prémio Carlos Paredes (Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, n. d.); Fernando Matos Silva, cineasta, e profundo admirador de Carlos Paredes, em 1999, realizou o filme *Crónica de Um Guitarrista Amador*:

Reconhece-se em *Crónica de Um Guitarrista Amador* a admiração confessada por Fernando Matos Silva, cuja voz se ouve em *off* no breve texto que abre e fecha o filme construído à volta do “genial guitarrista amador”. Presta-se um tributo, reconstrói-se a faceta pública de um percurso artístico através do desfile de uma teia de cumplicidades que têm, no centro, a figura e a música de Carlos Paredes, inconfundíveis uma e outra (Madureira, 2024, s.p.).

A título póstumo, Edgar Pêra realizou em 2006 um documentário de tributo a Carlos Paredes, intitulado: *Movimentos Perpétuos-Cine-Tributo a Carlos Paredes*. Neste documentário, tomando o nome do trabalho Movimento Perpétuo de Carlos Paredes, o cineasta oferece a sua perspetiva da vida e obra do compositor e guitarrista (Lima, 2022).

3. O PERCURSO MUSICAL

O seu percurso musical iniciou-se aos 6 anos de idade fazendo de guitarra de acompanhamento ao pai (Júnior, 2025) e em 1949 passou a colaborar com Artur Paredes, num programa de rádio da Emissora Nacional, após ter terminado os estudos secundários. É de salientar que Carlos Paredes nunca foi profissional da música e que para sustento de vida tinha uma profissão fixa: foi funcionário administrativo do Hospital de São José até à sua expulsão, em 1959, altura em que inicia a atividade de delegado de propaganda médica. Seria reintegrado na função pública depois da revolução de abril de 1974. O seu papel de compositor começou muito jovem, 12, 14 anos, mas a sua carreira musical teve início particularmente tarde, na verdade grande parte da sua atividade musical performativa foi ao serviço de acompanhamento de outros artistas, relegado para um plano secundário (Mota, 2023; Pinto, 2025). “Os seus primeiros registos discográficos são precisamente a acompanhar Artur Paredes e a voz de

Augusto Camacho Vieira, e somente aos 37 anos grava o seu primeiro trabalho a solo” (Mota, 2023, p. 3).

As suas influências musicais têm origem no seio da família e o estilo musical de Coimbra é uma sua característica: Carlos Paredes usou sempre uma guitarra de Coimbra com afinação de Fado de Coimbra.

É a partir desta base familiar e musical que julgo que Carlos Paredes terá as suas primeiras influências. O conjunto musical em que é integrado é constituído por Arménio Silva (à viola) e o seu pai, Artur Paredes, como solista. As participações em concertos, espetáculos ao vivo, homenagens e celebrações académicas em Coimbra são as principais ocasiões em que este trio participa. O percurso musical de Carlos Paredes é feito até sensivelmente à década de 1960 como segundo guitarra, a acompanhar a música do pai (Mota, 2023, p. 9).

Carlos Paredes assumiu como influências a música popular portuguesa e o fado de Coimbra e a sua sonoridade renovada e reinventada advém de uma geração de luta onde se movimentavam vozes como José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Luiz Goes, António Bernardino, o poeta Manuel Alegre, a guitarra de António Portugal e as violas de Rui Pato e Luís Filipe. Todos estes atores sociais se inscrevem na geração de Coimbra preservando a identidade etnomusicológica, por um lado, e por outro, apontando caminhos de renovação. A sua sonoridade, apesar das influências diretas dos seus familiares, especialmente do pai, era diferente e caminhava na direção de renovação experimentando novas sensações musicais, no entanto a tradição coimbrã estava presente e abria-lhe novos horizontes (Brandão, 2017).

O seu contacto com a música de Coimbra é regular, maioritariamente nos anos 50 e 60. Rodeado de uma geração de figuras de referência no campo da música de Coimbra, desde o seu pai, Artur Paredes, assim como Edmundo de Bettencourt, Afonso de Sousa, Arménio Silva, Carlos Paredes cresce num meio musical marcado por estas influências musicais e toda uma geração ligada ao meio coimbrão. As referências sonoras, estéticas e interpretativas para Carlos Paredes são fundamentalmente as indicações que recebe de Artur Paredes, quer diretamente em ensaios, quer pela composição e pela obra que acompanha e conhece profundamente (Mota, 2023, p. 11-12).

A sua identidade musical é forte e ligada à tradição musical popular e a sua linguagem musical é única, profunda e característica com nuances tímbricas e de fraseado distintas.

3.1 Obra musical

O seu primeiro trabalho discográfico data de 1962, com o nome homónimo *Carlos Paredes*, inclui temas compostos na sua juventude: Variações em Si menor, Serenata, Variações em Lá Maior, Danças Portuguesas n.º 1. Este trabalho em formato EP foi editado pela Alvorada. *Verdes Anos “Guitarradas”* (1963) contou com a colaboração de Fernando Alvim na Viola e é um trabalho que serve de banda sonora ao filme com o mesmo nome realizado por Paulo Rocha. Foi editado em formato EP pela Alvorada. Em 1967, é editado pela Valentim de Carvalho o seu primeiro LP: *Guitarra Portuguesa. Movimento Perpétuo*, também em LP, de 1971, é editado pela Columbia e inclui temas como: António Marinho, Mudar de Vida, e, obviamente, o célebre tema *Movimento Perpétuo*. Ainda este ano (1971) a Columbia edita o EP *Balada de Coimbra* com temas de Afonso Correia Leite, Armando Rodrigues e José Eliseu. *Carlos Paredes-Meister der Portugiesischen Gitarre* constitui uma compilação (LP) editada em 1977 pela editora alemã, Amiga, RDA. Em 1979, é editado pela Alvorada o seu segundo

LP *Carlos Paredes/Artur Paredes* que inclui composições suas e de seu pai, Artur Paredes. Um concerto ao vivo realizado em Frankfurt em 1983 deu origem ao trabalho: *Concerto em Frankfurt*-LP, Polygram: este trabalho contém temas inéditos. *Invenções Livres* de 1986 apresenta um dueto com António Vitorino d'Almeida: guitarra portuguesa e piano: LP, Polygram. Em 1988, é editado pela Philips o LP *Espelho de Sons* que apresenta versões de temas como *Serenata*, *Raiz* e *Fantoche*. *Asas Sobre o Mundo* de 1989 é um CD editado pela Polygram, inclui temas editados nos álbuns *Guitarra Portuguesa* e *Concerto em Frankfurt* e apenas duas composições inéditas. A ligação ao jazz proporciona a edição de *Dialogues* de 1990 em dueto com o contrabaixista Charlie Haden, LP, Polygram. O último registo discográfico, *Na Corrente*, data de 1996 em formato LP editado pela EMI-Valentim de Carvalho, apresenta uma compilação de material inédito gravado nos estúdios da Valentim de Carvalho em 1969, 1971 e 1973 (Santos, 2021; Júnior, 2025).

3.2 A guitarra, o intérprete e a composição

Falar de Carlos Paredes é preciso equacionar três perspectivas que se complementam, por um lado, o próprio instrumento e a interpretação e, por outro lado, a composição. A guitarra é intrínseca ao intérprete, faz parte do corpo, é a vivência em completo; o intérprete executa e transmite a mensagem, a sonoridade, a emoção e sensação, o diálogo permanente; a composição é a interiorização, o pensamento, o momento criativo. A relação de Carlos Paredes com seu pai, algo complexa e autoritária, contribuiu para a construção de referências estilísticas e significados de uma linguagem muito própria:

Creio que o binómio compositor-intérprete em Carlos Paredes está relacionado com este aspeto. A sua lógica de guitarra, com as idiossincrasias, o seu mundo de música, as suas referências, fazem com que a sua música tenha um quadro, um glossário e uma codificação própria. Se na música de pendor popular, (da tradição em que se insere) há um aspeto de simplicidade assente maioritariamente em harmonias simples, cujas sequências quase se “adivinham”, há também uma liberdade musical que permite ao compositor “improvisar” sobre uma espécie de tela pré-definida. Este é o que julgo ser um quadro de referência para a escola que Carlos Paredes teve como orientação (Mota, 2023, p. 21).

Neste sentido, não se pode falar do guitarrista sem se falar da guitarra e, consequentemente, da sua música.

Paredes resumiu-nos e emocionou-nos e traduziu, como nenhum outro, a nossa capacidade de juntarmos emoção, alegria e coragem na forma como estamos na vida e no mundo e como fazemos da Portugalidade a nossa singular maneira de ser, de estar e de construir. Continua a ser impossível ouvir a música de Carlos Paredes sem uma emoção profunda que nos sobressalta e mobiliza, porque tudo na sua obra é excelência, efêmero e eterno e à medida dos nossos sonhos, esperanças e ideais (Letria, 2021, p. 11).

Carlos Paredes apresentava uma personalidade reservada e modesta, mas a sua música é única e universal e a sua interpretação extrapolava os limites. “Quando entrava em palco, porém, transfigurava-se - alto, desajeitado e com um sorriso tímido, sentava-se e agarrava-se à guitarra. Então tornava-se um único ser” (Júnior, 2025, p. 41).

3.3 A linguagem musical de Carlos Paredes: elementos teóricos

Carlos Paredes desenvolveu uma linguagem musical profundamente singular, que merece ser reconhecida também pela sua sofisticação técnica. A sua música é inconfundível, ultrapassa

os cânones tradicionais da guitarra portuguesa, abrindo caminho para novas possibilidades expressivas do instrumento. Reconhecer os elementos musicais, estéticos e técnicos que definem a sua linguagem, é essencial para se compreender o âmbito da profundidade musical e seu sentido tão próprio e tão coletivo. Neste contexto, apresento aspetos centrais da sua música, consubstanciados em exemplos concretos de composições emblemáticas.

(i) *Fraseado expressivo e liberdade rítmica*

O seu fraseado é profundamente lírico e fluido, flexível, muitas vezes comparável ao discurso falado, manifestando uma clara influência da tradição oral. Carlos Paredes manipula o tempo com grande liberdade, utilizando *rubato*, conferindo uma expressividade quase vocal e um sentimento de narrativa musical. A peça, *Verdes Anos*, composta em 1963, ilustra a ideia: fraseado quase melancólico, com pausas significativas que criam espaço e emoção. A construção das frases não obedece a padrões métricos rígidos, mas flui com naturalidade: é a guitarra que fala, num discurso falado. As dinâmicas são exploradas com subtilidade, variando entre momentos de intensa delicadeza e passagens mais incisivas.

(ii) *Harmonia modal e disposições invulgares de vozes*

As escalas modais e as harmonias abertas são frequentemente utilizadas por Carlos Paredes na sua música. A guitarra portuguesa, embora apresentando determinadas limitações harmónicas, não impede o compositor de explorar dissonâncias suaves, pedais e notas suspensas, criando ambientes harmónicos densos, mas subtis. A *Canção Verdes Anos*, apresenta-se como um exemplo: o uso do modo eólio dá um carácter contemplativo à peça. As harmonias não resolvem de forma tradicional, permanecendo em suspensão, o que contribui para a atmosfera introspectiva e etérea da música: as inflexões tonais, especialmente na forma V7-Am, acentuam o carácter expressivo da peça: a cadência suspensiva cria a expectativa de resolução para a tónica (Am), mas essa resolução é evitada, mantendo a tensão no ar. Esta escolha reforça o carácter cíclico e contemplativo da peça, aproximando-se de uma estética de saudade ou de frase incompleta.

A sua obra combina melodia e acompanhamento criando uma textura e polifónica em muito momentos. Em *Mudar de Vida*, composta em 1966, Carlos Paredes constrói uma base harmónica pulsante enquanto desenvolve uma linha melódica lírica e contrastante.

(iii) *Forma livre e desenvolvimento temático*

A música popular e tradicional portuguesa assenta em formas repetitivas típicas, no entanto Carlos Paredes, embora influenciado por esta linguagem identitária, utiliza estruturas abertas, em que as ideias musicais se vão transformando. A peça, *Mudar de Vida*, criada para a banda sonora do filme homónimo de Paulo Rocha, é um bom exemplo da estrutura em fluxo. Os motivos melódicos aparecem, são repetidos com variações rítmicas ou melódicas subtis, e desenvolvem-se de forma orgânica, criando uma sensação de viagem interior. Algumas composições sugerem paisagens sonoras, com seções que contrastam em carácter mas que se conectam organicamente - quase como se fossem movimentos internos de uma mesma peça.

(iv) *Técnica instrumental elevada e distinta*

Carlos Paredes é distinto e elevou a guitarra portuguesa a um novo patamar: um instrumento solista e de concerto. A sua técnica guitarrística utilizou diferentes recursos: *trémulos* de grande precisão e velocidade, uso extensivo de *ligados* (ascendentes e descendentes), *glissandos*, *harmónicos naturais*, *alternância entre graves e agudos*, *dedilhados rápidos* e *arpejos amplos*. *Movimento Perpétuo* (1971) é um exemplo concreto: embora tecnicamente exigente, esta peça é construída com aparente leveza. O trémulo contínuo cria uma sensação de fluxo constante, exigindo um domínio absoluto da técnica da mão direita. Na realidade, a sua técnica

instrumental expandiu os limites do instrumento, com o uso destas diferentes técnicas, algo raro na prática anterior do instrumento. Introduziu, também, novas formas de atacar a corda e de articular frases com clareza e dinamismo.

(v) *Diálogo com a tradição e inovação*

A música de Carlos Paredes não rompe com a tradição: reinventa-a. As influências musicais da terra estão, claramente, presentes na sua obra. O fado e a música popular apresentam-se como referências, no entanto, Carlos Paredes transpõe os seus elementos para um plano mais abstrato e pessoal, íntimo e único. O seu repertório tem raízes na identidade portuguesa, mas aponta para uma estética universal. *Variações Sobre Uma Dança Popular* (1971, baseada numa melodia tradicional, retrata como Paredes usava elementos do cancionero popular como ponto de partida para elaborações sofisticadas, quase como variações de estilo clássico-romântico.

(vi) *Síntese final*

Os exemplos apresentados ilustram como Carlos Paredes desenvolveu uma linguagem musical única, que funde tradição e modernidade, simplicidade melódica e complexidade estrutural. A sua música continua a ser um caso raro na história da guitarra portuguesa: profundamente enraizada no espírito nacional, mas com uma dimensão artística intemporal e do mundo. A sua aproximação à música romântica e à guitarra clássica de Francisco Tárrega e Miguel Llobet é uma realidade considerando os desideratos técnicos utilizados, por si e por estes compositores. Na verdade, há uma linha estética que liga Carlos Paredes à tradição romântica da guitarra clássica, especialmente a espanhola. Embora não sendo um romântico no sentido histórico, a sua sensibilidade, técnica e estética caminham na mesma direção: a da música introspetiva, cantada, emotiva, onde cada gesto tem profundidade. Esta associação com Tárrega, Llobet e até com o canto lírico instrumental ajuda a situar Paredes no contexto da música erudita para cordas, embora ele venha de um universo muito particular e português.

4. A MÚSICA E A TRADIÇÃO DA TERRA

A sua obra musical tem largas referências culturais à tradição popular, regional, e ao país, fruto das suas influências e vivências. As suas composições apresentam uma sonoridade única enquadrada num determinado contexto social e cultural e a sua vida em Lisboa influenciou, de facto, vários dos seus temas. Não obstante, toda a sua música se determinar nas referências culturais da tradição da terra, neste ponto referem-se os temas e composições que por ordem ao título nos remetem para o contexto do país e da portugalidade.

Carlos Paredes é filho de Coimbra e foi nesta cidade que começou a afeiçoar-se à guitarra e a acompanhar o seu pai, o mestre Artur Paredes. Explorou novos caminhos e, nas suas mãos, a guitarra ganhou um novo universo. Partiu demasiado cedo, mas a sua obra deixou escola e um relevante legado que assume um valor inquestionável na cultura musical portuguesa (Machado, 2021, p. 9).

Quadro 1. Temas relacionados com a tradição

Trabalho/Temas	Formato/Editora	Ano de Edição
Carlos Paredes • Danças Portuguesas n.º 1	EP/Alvorada	1962
Verdes Anos¹	EP/Alvorada	1963

¹“A década de 1960 foi, apropriadamente, apelidada de ‘verdes anos’. Lisboa era um destino para aqueles portugueses que, não emigrando, se deslocavam das províncias à procura de uma vida melhor” (Mangorrinha, 2004, Diário de Notícias, Cultura).

Guitarra Portuguesa	LP/Valentim de Carvalho	1967
Meu País (Cecília Melo)	LP/Decca	1970
Movimento Perpétuo <ul style="list-style-type: none"> • Danças Portuguesas n.º 2 • Variações sobre uma Dança Popular Balada de Coimbra	LP/Columbia	1971
António Marinheiro	EP/Columbia	1972
É Preciso Um País (Manuel Alegre)	LP/Columbia	1975
Que Nunca mais (Adriano Correia de Oliveira)	LP/Orfeu	
Um Homem no País (Carlos do Carmo)	LP/Polygram	1983
Espelho dos Sons Coimbra e o Mondego: Variações <ul style="list-style-type: none"> • Lisboa e o Tejo: Cando do Amanhecer <ul style="list-style-type: none"> • Serenata • Dança palaciana • Canto de trabalho • Jardins de Lisboa (Verdes anos) • Canto de rua • Canto do rio • Dança de camponeses 	LP/Philips	1988
Asas Sobre o Mundo <ul style="list-style-type: none"> • Nas asas da saudade • Dança dos camponeses • Variações sobre o Mondego • Variações sobre o Mondego N.1 • Variações sobre o Mondego N.2 • Canto do Tejo • Serenata no Tejo • Fado moliceiro 	CD/Polygram	1989

Fonte: Autor (2025)

A música composta por Carlos Paredes apresenta elementos referenciais da cultura portuguesa e da sua história, elementos criados e transformados que o identificam, a si, e ao país, Portugal, num retrato para o mundo.

5. A GUITARRA PORTUGUESA E O ENSINO DE MÚSICA

Carlos Paredes ao longo da sua vida manifestou preocupação com o ensino da guitarra portuguesa e da sua divulgação:

(...) Carlos Paredes, mesmo unanimemente descrito como reservado, exteriorizou sempre as suas convicções de forma intensa, sendo que uma delas foi o forte incentivo para um gosto generalizado pela guitarra portuguesa. Não se tratava de alguém que, íntimo da sua cúmplice de doze cordas, a pretendia fechada e destinada só a si mesmo ou a poucos privilegiados. Paredes tentou sempre dinamizar o conhecimento deste instrumento, procurando universalizar o seu ensino (Santos, 2021, p. 19).

A guitarra portuguesa, na perspetiva de Carlos Paredes, deveria ser dada a conhecer à população em geral e em particular aos jovens, neste sentido promoveu o gosto pela sua aprendizagem e incentivou a sua valorização pública, antecipando uma visão democrática do ensino de música.

5.1 Carlos Paredes e a democratização do ensino da guitarra portuguesa

A reforma do ensino da música de 1983 (Decreto-lei n.º 310/83, de 1 de julho; Ribeiro; Vieira, 2016), proporcionou a introdução no ensino oficial de música (conservatórios e academias) da aprendizagem da guitarra portuguesa, através da criação do curso geral e complementar. A inserção deste instrumento no contexto de aprendizagem do conservatório foi lenta e não teve efeito imediato. No entanto, aos poucos, a guitarra portuguesa foi-se afirmando nas várias escolas de música do país, e, hoje, possibilita a sua aprendizagem a vários jovens. A perspetiva de Carlos Paredes, neste particular, estava bastante à frente do seu tempo, pois este pensamento levou muitos anos a ser equacionado e concretizado, apesar da inequívoca referência cultural que a guitarra portuguesa representa. Nos programas em vigor deste instrumento, nas escolas de música especializadas, a obra de Carlos Paredes assume-se como uma referência obrigatória e é comum os jovens interpretarem, por exemplo *Verdes Anos*, *Dança Palaciana*, *Movimento Perpétuo* e outros temas. Não estaria na sua perspetiva, com certeza, a sua obra ter uma função didático pedagógica, mas no contexto do seu trabalho desenvolvido em torno da guitarra portuguesa, seria, no mínimo, negligente o seu esquecimento.

5.2 Ensino artístico especializado de música, identidade cultural e diversidade musical: desafios atuais

O ensino de música no âmbito dos conservatórios, academias e, mais tarde, escolas profissionais de música (Decreto-Lei n.º 26/89, de 21 de janeiro), designado por *ensino artístico especializado de música*, enfrenta desafios urgentes de reflexão e transformação, no que concerne ao ensino de música contemporâneo. A guitarra portuguesa no ensino oficial de música representa mais do que uma conquista institucional: é o reconhecimento de uma identidade sonora profundamente enraizada na cultura portuguesa (Nery, 2004; Azevedo, 2003).

A reforma estrutural de 1983 (Ribeiro & Vieira, 2016), desempenhou um papel muito importante para os desígnios futuros do ensino de música, no entanto, esta reforma padeceu de problemas profundos que ainda hoje se fazem sentir. Neste sentido, a introdução da guitarra portuguesa, como opção de curso, representa um avanço tardio que não mitiga aspetos estruturais mais profundos, como a rigidez curricular, historicamente centrada na tradição musical erudita ocidental, alheia à diversidade de expressões musicais e culturais (Green, 2008; Swanwick, 1999).

Carlos Paredes, enquanto figura ímpar da música portuguesa, preocupou-se com o ensino da guitarra portuguesa, representação identitária alargada aos jovens e vindouros, numa perspetiva de pertença cultural e social. Neste sentido, antecipou uma visão mais inclusiva e democrática do ensino de música, no contexto de uma aprendizagem musical socialmente situada. A sua obra transcende o virtuosismo técnico e transforma-se num vetor de representação de um imaginário social e cultural próprio: da memória popular, da resistência silenciosa, da identidade coletiva (Sardo, 2010; Silva, 2012). O seu trabalho carrega consigo uma narrativa de pertença, de tempo e de espaço que dialoga com a vida quotidiana e com a história do país. Na realidade, obras como *Verdes Anos* ou *Movimento Perpétuo*, entre outras, não apenas enriquecem o repertório da guitarra portuguesa, mas representam um lugar social e cultural, no contexto de uma escola de música absolutamente situada.

A inclusão da guitarra portuguesa nos programas dos conservatórios deveria, assim, abrir caminho à reflexão sobre a necessidade de acolher outras tipologias musicais e instrumentos que reflitam o pluralismo cultural contemporâneo (Freire, 1970; Reimer, 2003). O ensino de música não pode continuar a ser um espaço exclusivo de técnica e reprodução da música erudita

européia, mas deve tornar-se um espaço vivo de diálogo entre tradições, linguagens e contextos sociais (Green, 2008; Morais, 2007).

A figura de Carlos Paredes, com a sua postura ética, estética e humanista, oferece um modelo que rompe com o elitismo musical e aponta para a valorização de uma música comprometida com o seu tempo e com o seu povo (Azevedo, 2003). A guitarra portuguesa, neste enquadramento, não é apenas um instrumento: é uma extensão da voz coletiva de um país. A sua presença no ensino oficial é, portanto, um gesto de justiça cultural, mas também um convite urgente à revisão das fronteiras do que entendemos por *ensino artístico especializado de música*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carlos Paredes revelou-se um artista, sensível, reservado, um homem do mundo, que não gostava de falar dele, e para o mundo, um génio da música e um talento da guitarra portuguesa. Uma música que se inspirou nas raízes da tradição e na música popular, sem preconceitos, mas que procurou a sensação e a novidade, a emoção e o sentimento, a atmosfera e a cumplicidade, sua, e a de um povo. Carlos Paredes, o guitarrista e a guitarra, o compositor, o homem que criou, criou, transformou e reinventou a sonoridade da guitarra portuguesa, tornando-a ímpar, e a devolveu em forma de identidade cultural e social ao país, num dedilhado e fraseado absolutamente único e distinto: um símbolo da cultura portuguesa.

A música de Carlos Paredes atravessou e atravessa fronteiras, não fosse Paredes um internacional, e mantém-se viva para a eternidade... é imortal. Uma música estimulada pelas vivências: “Eu estou convencido que não se pode fazer literatura ou música sem se ser estimulado por aquilo que se passa à nossa volta” (Paredes, 1988, Diário de Notícias); “Todas as músicas que faço são pequenas canções. São feitas de experiências e contactos com o mundo” (Paredes, 1983, Diário de Lisboa); uma música tão individual e própria e tão coletiva, de todos nós: país. Carlos Paredes, um dos principais responsáveis pela divulgação e popularidade da guitarra portuguesa: hoje, particularmente viva, estudada nas escolas de música especializadas, algo que ele próprio em tempo oportuno manifestou: a guitarra e, ... obviamente, a sua música. Não seria, com certeza, sua intenção face à modéstia da sua personalidade, mas o futuro é já hoje e aqui, e é preciso entender o passado para edificar a próspera sociedade, onde os jovens haverão de continuar a honrar a tradição perspetivando as variações do mundo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia - no âmbito do Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho com as referências UID/00317: Centro de Investigação em Estudos da Criança.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, S. (2003). *Carlos Paredes: A guitarra é uma mulher*. Campo das Letras.
- Brandão, L. (2017). *Carlos Paredes, o homem dos mil dedos*.
<https://comunidadeculturaearte.com/carlos-paredes-o-homem-dos-mil-dedos/>
- Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. (n.d.). *Música – Prémio Carlos Paredes*. Recuperado em 4 de fevereiro de 2025, de <https://www.cm-vfxira.pt/viver/cultura/premios-municipais/musica-premio-carlos-paredes>
- Decreto-Lei n.º 310/83, de 1 de julho. Insere o ensino artístico nos moldes gerais de ensino em vigor através da reconversão dos Conservatórios de Música em Escolas Básicas e Secundárias, criando as respetivas Escolas Superiores de Música inseridas na estrutura de Ensino Superior Politécnico. *Diário*

- da República*, n.º 149/1983, Série I. Recuperado em 10 de janeiro de 2025, de <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/310-1983-452686>
- Decreto-Lei n.º 26/89, de 21 de janeiro. Cria as escolas profissionais no âmbito do ensino não superior. *Diário da República*, n.º 18/1989, Série I. Recuperado em 25 de janeiro de 2025, de <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/26-89-1989-609609>
- Despacho n.º 8151/2024, de 23 de julho. Constitui o Grupo de Trabalho para as Comemorações dos 100 Anos do Nascimento de Carlos Paredes. *Diário da República*, n.º 141/2024, Série II. Recuperado em 15 de fevereiro de 2025, de <https://dre.tretas.org/dre/5823659/despacho-8151-2024-de-23-de-julho>
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Green, L. (2008). *Music, informal learning and the school: A new classroom pedagogy*. Ashgate.
- Júnior, J. P. (2025). Carlos Paredes Desconhecido. *Visão*, (1667), 30-41.
- Letria, J. J. (2021). A Arte de Ser Português com Génio e Assombro. In P. S. dos Santos (Ed.), *Amigo Paredes* pp. 11-18. Coimbra: Althum.com.
- Lima, T. (2022). Paredes na lente subversiva de Edgar Pêra: Paredes in the subversive lens of Edgar Pêra. *Rotura – Revista De Comunicação, Cultura E Artes*, 2(1), 79-84. <https://doi.org/10.34623/4nny-9h50>
- Machado, M. (2021). Uma Guitarra e o seu Génio. In P. S. dos Santos (Ed.), *Amigo Paredes* p. 9. Coimbra: Althum. com.
- Madureira, M. J. (2024). *Crónica de Um Guitarrista Amador*. https://www.cinemateca.pt/CinematecaSite/media/Documentos/2024-01-26_CARLOS-PAREDES-CRONICA-DE-UM-GUITARRISTA-AMADOR-DE-NOVO-00-CAPITOLIO.pdf
- Mangorrinha, J. (2024, 14 de março). #3 “Verdes anos” (Pedro Tamen / Carlos Paredes), Teresa Paula Brito, 1963. A cor dos anos 60 em Portugal. *Diário de Notícias, Cultura*. <https://www.dn.pt/cultura/3-verdes-anos-pedro-tamen-carlos-paredes-teresa-paula-brito-1963>
- Morais, D. (2007). *A guitarra portuguesa e a sua evolução histórica*. INET-md/Universidade Nova.
- Morgado, S. D. L. (2022). *Objeto expositivo evocativo de uma performance de Carlos Paredes*. [Dissertação de Mestrado em Design e Multimédia]. Universidade de Coimbra.
- Mota, S. R. de S. (2023). “*Guitarra com gente dentro*”: para uma reflexão crítica sobre as práticas colaborativas de Carlos Paredes – o caso de invenções livres. [Dissertação de Mestrado em Estudos Artísticos]. Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/111633>
- Museu do Fado. (2000). *Estar com Paredes*. Lisboa: CML/EBAHL. <https://www.museudofado.pt/fado/personalidade/carlos-paredes>
- Nery, R. V. (2004). *Para uma história do fado*. Público/Círculo de Leitores.
- Paredes, C. (1983). *Diário de Lisboa*.
- Paredes, C. (1988). *Diário de Notícias*.
- Pinto, D. V. (2025). *Carlos Paredes e a ressurreição de um instrumento cadaverizado*. <https://sol.sapo.pt/2025/02/20/carlos-paredes-e-a-ressurreicao-de-um-instrumento-cadaverizado/>
- Reimer, B. (2003). *A philosophy of music education: Advancing the vision* (3rd ed.). Prentice Hall.
- Ribeiro, A. J. P., & Vieira, M. H. (2016). The subsystem of specialized music education in Portugal since 1983: The process of integration into the general education system. *International Journal of Music Education*, 34 (3), 311-323. <https://doi.org/10.1177/0255761415619424>
- Santos, P. S. dos. (2021). *Amigo Paredes*. Coimbra: Althum.com.
- Sardo, S. (2010). Música e identidade: uma abordagem etnomusicológica. In S. C. Branco (Coord.), *Enciclopédia da música em Portugal no século XX* (Vol. II, pp. 621–627). Círculo de Leitores.
- Silva, M. D. (2012). *Estéticas e políticas da música portuguesa no século XX*. Colibri.
- Swanwick, K. (1999). *Teaching music musically* (2nd ed.). Routledge.